

## **A CONCEPÇÃO MODERNA DE INFÂNCIA NO JAPÃO: UM CASO PARA ALÉM DA HEGEMONIA EUROPÉIA**

*Cassio Jody Kokubo<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

O trabalho pioneiro de Philippe Ariès (2011), para localizar no tempo o surgimento de um sentimento de infância, é um referencial utilizado como bibliografia básica quando o assunto é História da Infância. Por ser tão utilizado, é quase inevitável - e “natural” -, extrapolarmos esta História (europeia) da Infância, produzida a partir de Ariès, como uma História Mundial da Infância. O padrão hegemônico europeu nos estudos historiográficos joga sombras sobre a História “do restante do mundo” e, com efeito, é importante problematizar a história de matriz europeia em todas as suas ramificações, incluindo a História da Infância. Neste caso, é fundamental que uma visão sociológica crítica ao modelo hegemônico europeu ocidental jogue luz sobre aquelas sombras, e revele a realidade que vivia na penumbra. Uma crítica à obra de Ariès será inevitável, assim como a percepção de que o conhecimento produzido para além da hegemonia europeia é intencionalmente encoberto há séculos (SANTOS, 2002). Este trabalho tem como objetivo investigar a concepção moderna de infância no Japão, de modo a desconstruir a concepção hegemônica ocidental; e, a partir desta investigação, problematizar a ausência do oriente nos textos acadêmicos ocidentais que tratam da infância, e ressignificar histórias de vida de imigrantes japoneses residentes no Brasil que viveram suas infâncias no Japão.

**Palavras-chave:** Infância. História da Infância. Japão. Eurocentrismo. Sociologia das Ausências.

### **INTRODUÇÃO**

O trabalho pioneiro de Philippe Ariès (2011), ao utilizar-se de variados artefatos da era medieval, como a iconografia, cartas, diários e dossiês de família, assim como de registros de batismo ou inscrições em túmulos, para localizar no tempo o surgimento de um sentimento de infância, é um referencial utilizado como bibliografia básica quando o assunto é História da Infância. Entende-se, nas palavras do próprio Ariès (2011, p. 99), que o sentimento de infância “não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade

---

<sup>1</sup> Professor de Educação Física (Universidade Estácio de Sá), Especialista em Nutrição e Atividade Física (UERJ).  
IFC - Camboriú, cassio.kokubo@yahoo.com.br

infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem”. Embora tenha notado que a descoberta da infância se deu no século XIII - e evoluído ao longo dos séculos XV e XVI -, o real desenvolvimento daquele *sentimento* só teria ocorrido no final do século XVI e durante o século XVII, sendo portanto uma criação da Modernidade e fruto de mudanças sociais, tais como a escolarização e o advento da família nuclear burguesa (ANDRADE, 2010).

Por ser tão utilizado, é quase inevitável - e “natural” -, extrapolarmos esta História (europeia) da Infância, produzida a partir de Ariès como uma História Mundial da Infância. O padrão hegemônico europeu - eurocentrismo - nos estudos historiográficos joga sombras sobre a História “do restante do mundo” e, com efeito, é importante problematizar a história de matriz européia em todas as suas ramificações, incluindo a História da Infância. De acordo com Enrique Dussel (2005), a Europa ocidental passa a ser o “centro” da história mundial a partir da Modernidade, quando todas as outras culturas se tornam sua periferia:

[...] ainda que toda cultura seja etnocêntrica, o etnocentrismo europeu moderno é o único que pode pretender identificar-se com a ‘universalidade-mundialidade’. O ‘eurocentrismo’ da Modernidade é exatamente a confusão entre a universalidade abstrata com a mundialidade concreta hegemônica pela Europa como ‘centro’.  
(DUSSEL, 2005. p.28)

Aníbal Quijano (2005, p.115) reforça a ideia de Dussel (2005) ao relacionar o padrão mundial de poder capitalista, colonialista - a partir da conquista da América -, e o desenvolvimento do eurocentrismo, o qual define como: “uma específica racionalidade ou perspectiva de conhecimento que se torna mundialmente hegemônica colonizando e sobrepondo-se a todas as demais”.

Neste caso, é fundamental que uma visão sociológica crítica ao modelo hegemônico europeu ocidental jogue luz sobre aquelas sombras, e revele a realidade que vivia na penumbra, como o fazem os textos de Santos (2002), Dussel (2005), e Quijano (2005). Porém, os seus escritos deixam o oriente de fora do espectro de suas palavras. A literatura ocidental sobre a infância moderna no Japão é escassa, mas dá indícios da presença de algumas diferenças, como salienta Célia Sakurai (2007, p.323) ao afirmar que “por conta de mudanças iniciadas ainda na era

Meiji, o Japão desenvolveu uma concepção de infância um tanto diferente da dos ocidentais”.

A motivação para o presente trabalho surgiu com a seguinte pergunta, após a leitura do texto de Ariès (2011): “a concepção moderna de infância, ou o surgimento de um sentimento de infância, ocorreu da mesma forma em sociedades orientais, como o Japão?”. Para responder a esta pergunta, uma crítica à obra de Ariès será inevitável, assim como a percepção de que o conhecimento produzido para além da hegemonia europeia é intencionalmente encoberto há séculos (SANTOS, 2002).

Utilizando-se dessas informações como um pano de fundo inicial, este trabalho tem como objetivo investigar a concepção moderna de infância no Japão, de modo a desconstruir a concepção hegemônica ocidental; e, a partir desta investigação, problematizar a ausência do oriente nos textos acadêmicos ocidentais que tratam da infância, assim como, ressignificar histórias de vida de imigrantes japoneses residentes no Brasil que viveram suas infâncias no Japão.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa inicial, em bancos de dados - especificamente a BDTD e SciELO -, a partir de combinações de palavras-chave relacionadas a temática desta pesquisa (“história”, “concepção”, “infância”, “Japão”, “japonesa”) não gerou resultados significativos, indicando a escassez de pesquisas relacionadas ao tema, fato este confirmado através de troca informal de correio eletrônico com a Profa Tizuko Morchida Kishimoto, titular da Universidade de São Paulo (USP). Por este motivo optou-se pela consulta a livros e artigos científicos, sem a combinação das palavras-chave já citadas, envolvendo diversas áreas de estudos sobre a infância. Também sobre a sociedade japonesa e sua respectiva história, no intuito de aprofundar o conhecimento nas áreas de historiografia da infância e sociologia da infância, história e cultura japonesa e, a partir desse percurso, realizar o esforço de comparação entre a concepção moderna de infância ocidental com a concepção moderna de infância japonesa, através da memória de experiências de vida de japoneses imigrantes no Brasil.

Para compreender a concepção - e o sentimento - de infância no Japão moderno, foram selecionados dois japoneses (a *Srª Emi* e o *Sr. Toshi*, nomes fictícios por solicitação do casal) residentes no Brasil, mas que viveram suas infâncias no Japão na metade do século XX.

Para efetivação dessa pesquisa fez-se a opção pelo método de História de Vida, que tem como característica a intenção de que haja um vínculo entre o pesquisador e o sujeito - visto que o casal de japoneses conhece o autor deste trabalho desde sua infância, favorecendo aquele vínculo -, e tem como objetivo acessar "uma realidade que ultrapassa o narrador. Isto é, por meio da História de Vida contada da maneira que é própria do sujeito, tentamos compreender o universo do qual ele faz parte" (GAUJELAC apud SILVA et al, 2007, p.31), e revelar que "por mais individual que seja uma história, ela é sempre, ainda, coletiva" (SILVA et al, 2007, p.35). Para a geração dos dados, recorreremos à *entrevista narrativa* e, por se tratar de uma pesquisa centrada na abordagem qualitativa, entendo que recorrer à *análise de conteúdo* será o percurso mais acertado. Sendo necessárias várias leituras das transcrições das entrevistas, visando apreender as ideias principais e os seus significados gerais e implícitos. A cada leitura uma tentativa de extrapolar a mensagem explícita, na busca de indícios não tão óbvios nos processos anteriores.

Como recurso metodológico, fez-se uso de um gravador de voz contido em aparelho celular para gravação das conversas, que aconteceram durante uma tarde no Rio de Janeiro (município de residência do casal), na casa de meus pais, em um ambiente de reencontro entre todos. As conversas foram transcritas, posteriormente, sem a necessidade de tradução, pois os dois japoneses são fluentes na língua portuguesa.

## RESULTADOS ESPERADOS OU PARCIAIS

Até o momento, as etapas concluídas deste trabalho foram a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa do IFC; o encontro com o casal de japoneses para as "entrevistas" sobre suas infâncias; e a transcrição das entrevistas. Em curso, estão a análise das entrevistas narrativas, de acordo com Schütze (2014), e a análise de conteúdo, de acordo com Vala (1999).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A bibliografia específica sobre a temática da infância na sociedade japonesa é escassa em nossos bancos de dados nacionais. Tal escassez de literatura ocidental sobre o tema não pode ser interpretada como uma ausência do *sentimento* de infância em sociedades não ocidentais, como a japonesa. Para problematizar a carência de literatura, a Sociologia das Ausências de Boaventura de Sousa Santos (2002) foi utilizada como um referencial teórico, pois “trata-se de uma investigação que visa demonstrar que o que não existe é, na verdade, activamente produzido como tal, isto é, como uma alternativa não-credível ao que existe” e tem como objetivo “transformar objectos impossíveis em possíveis e com base neles transformar as ausências em presenças” (SANTOS, 2002, p.246).

A história da infância de matriz europeia vem sendo documentada, e problematizada (STEARNS, 2006; LOPES et al, 2007; KUHLMANN Jr., 2011) ao longo das últimas décadas, tendo como base a obra de Ariès (2011). Stearns (2006) é um dos poucos historiadores a tratar da infância japonesa no mesmo recorte temporal escolhido por este trabalho (a modernidade no Japão), e ressalta as particularidades da experiência japonesa: “A mudança promovida pelo Japão tornou mais complexo o retrato da história mundial moderna da infância, antes traduzida em termos estritamente ocidentais” (p.116). Traços marcantes da sociedade japonesa, como a lealdade coletiva, formação de vínculos e coesão grupal, e a obediência nas crianças, contrastando com o individualismo europeu e norte americano, foram claramente identificados nas narrativas do casal de japoneses. No entanto, as histórias narradas pela Sra. Emi e pelo Sr. Toshi sobre suas infâncias no Japão não diferem de maneira significativa da concepção de infância vigente no mundo ocidental. Uma possível explicação para este resultado talvez seja o recorte temporal no qual o casal de japoneses está situado, a saber: a infância no Japão pós-guerra sob ocupação norte americana, e em forte processo de ocidentalização desde o início da Era Meiji, em 1868. Uma pesquisa que envolvesse japoneses de uma geração anterior, como por exemplo, os pais do casal de japoneses entrevistados, poderia chegar a conclusões diferentes das encontradas por essa

pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lucimary Barnabé Pedrosa De. Tecendo os fios da infância. In: \_\_\_\_\_. **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais [online]**: Tecendo os fios da infância. São Paulo: UNESP, 2010. 193 p.

ARIÈS, Philippe. **Historia social da criança e da familia**. 2 ed. São Paulo: LTC, 2011. 280 p.

DUSSELL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Colección Sur Sur, CLACSO, 2005. 130 p.

KUHLMANN JR., Moysés. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. 7 ed. Porto Alegre: Mediação, 2011. 192 p.

LOPES, Alberto; FILHO, Luciano Mendes De Faria, FERNANDES, Rogério (orgs.). **Para a compreensão histórica da infância**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 304 p.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e américa latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Colección Sur Sur, CLACSO, 2005. 130 p.

SAKURAI, Célia. **Os japoneses**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007. 368 p.

SANTOS, Boaventura De Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 63, Outubro 2002: 237-280, [S.L], n. 63, p. 237-280, out. 2002.

SCHÜTZE, Fritz. Análise sociológica e linguística de narrativas. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 11-52, mai./ago. 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/17117/11469>>. Acesso em: 08 ago. 2018.

SILVA, A. P. et al. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida. **Mosaico: estudos em psicologia**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 25-35, out. 2007.

STEARNS, Peter. **A infância**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2006. 216 p.

VALA, Jorge. A análise de conteúdo. In: SILVA, Augusto Santos e PINTO, José Madureira (eds.), **Metodologia das ciências sociais**. 4 ed. Porto: Edições Afrontamento, 1999. 324 p.